

Uso de drogas acelera DANOS CARDÍACOS

O consumo recreativo foi associado a um risco três vezes maior de morte, infarto e acidente vascular, com risco de repetição. A descoberta sugere que substâncias, como metanfetamina e cannabis, tem impactos negativos no coração

» PALOMA OLIVETO

O uso de drogas por pessoas que já sofreram um problema cardiovascular grave está associado a um risco até três vezes maior de o evento se repetir em um ano. A correlação foi observada por uma equipe de pesquisadores do Hospital Lariboisiere, em Paris, na França, e será apresentada no Congresso 2024 da Sociedade Europeia de Cardiologia, que acontece em Londres, no Reino Unido, de 30 de agosto a 2 de setembro. O estudo não estabelece uma relação de causa e efeito, mas as estatísticas são significativas, o que sinaliza que a associação não é casual.

A pesquisa dá seguimento a um trabalho anterior, de 2023, em que a mesma equipe constatou uma prevalência elevada de uso recente de drogas em pacientes internados na Unidade de Terapia Intensiva Cardiovascular (UTIC) de 31 centros hospitalares franceses. "Entre os pacientes admitidos, a triagem sistemática para drogas recreativas evidenciou uma prevalência significativa — 11% — de uso recente", conta o cardiologista intensivista Raphael Mirailles, que liderou os dois estudos.

Agora, o interesse do pesquisador foi verificar se havia consequências cardiovasculares de longo prazo do uso de drogas recreativas, algo que, segundo Mirailles, é incerto. Foram usados os dados de 1.499 pacientes admitidos em UTIs de 39 centros da França por duas semanas, a partir de abril de 2021, por síndrome coronariana aguda, que pode levar ao infarto e à angina. Por meio de testes urinários, foi possível identificar a presença de substâncias ilícitas, com o consentimento dos participantes.

NDLA/Divulgação



Maconha

Do total, 1.392 (93%) foi acompanhado por um ano por uma visita clínica ou contato direto com o paciente. O objetivo era verificar a nova ocorrência de um evento cardíaco grave — derrame, morte ou infarto não letal. A média de idade dos participantes foi 63 anos, e 70% eram homens. Onze por cento dos voluntários (157 pessoas) testaram positivo para maconha, heroína, e outros opioides, cocaína, anfetamina e metanfetamina (MA) no momento da primeira admissão hospitalar.

Cannabis foi a substância mais comum (9,8%), seguida por heroína e outros opioides (2,3%), cocaína (1,7%), anfetamina

(0,6%) e MA (ingrediente ativo do ecstasy, com 0,6% de consumo). Mais de um quarto dos pacientes (45) testaram positivo para duas ou mais dessas drogas.

O teste para cada substância indicava ou não a presença da droga, mas, para dar positivo, a quantidade detectada na urina foi substancial, observa Mirailles. "O exame continua dando positivo de dois a seis dias após o uso da substância, portanto, mostra a exposição recente, em vez de uso regular. Por outro lado, um aumento nos principais eventos adversos em um ano pode indicar uso crônico."

Depois de um ano de acompanhamento, 94 pacientes (7% da amostra total inicial) apresentaram um evento cardiovascular

sério, incluindo morte. Aqueles com teste positivo para drogas apresentaram uma taxa maior de desfechos ruins, comparado aos não usuários: 13% contra 6%, respectivamente.

Ajustes

Os dados foram ajustados para múltiplos fatores incluindo idade, sexo, diabetes, tabagismo, histórico de doenças do tipo ou de câncer e enfermidades renais crônicas, diagnóstico principal da admissão hospitalar, pressão arterial sistólica basal e frequência cardíaca basal. Após essas considerações, o uso recreativo de drogas foi independentemente associado a um risco três vezes maior de eventos cardiovasculares sérios.

Na análise de subgrupo de 713 pacientes hospitalizados no início do estudo por síndrome coronariana aguda, 96 (14%) tiveram um teste positivo para drogas recreativas e 50 (7%) apresentaram eventos cardiovasculares graves. Usando modelagem computacional nessa população, o uso das substâncias continuava associado a uma probabilidade três vezes maior de desfechos graves, após os ajustes.

Entre os 1.392 pacientes examinados, houve 64 (4,6%) mortes cardiovasculares, 55 (4,5%) entre não usuários e 9 (5,7%) entre os que utilizaram drogas. Considerando o infarto, houve 24 casos (1,7%) não letais, sendo 1,3% nos que testaram negativo para substâncias ilícitas e 5,1%

No estudo, 13% das pessoas que testaram positivo para entorpecentes voltaram a sofrer com problemas cardiovasculares após um ano

Palavra de especialista

Arquivo pessoal



Uso ocasional também faz mal

Vários estudos em publicações nacionais e internacionais mostraram a relação do uso de drogas ilícitas e doenças cardiovasculares. A associação depende do tipo, mas pode ser explicada por aumento da pressão arterial e frequência cardíaca; lesão do endotélio, devido a aterosclerose com risco de angina, ou infarto agudo do miocárdio. O uso ocasional também está relacionado, especialmente no caso de cocaína e infarto, o que pode resultar em um risco de mortalidade de 50% em ambiente pré-hospitalar. Outras drogas agressivas para o sistema vascular são metanfetaminas, heroína e outros opioides e cannabis.

Ernesto Osterne, cardiologista do Instituto do Coração de Taguatinga (ICTCor)

dos positivos. Quanto ao derrame, foram 10 (0,7%) no total: sete (0,6%) entre pacientes que não consumiram entorpecentes e três (1,9%) nos demais.

Josué Gogel/Flickr/Divulgação



A MA é a substância ativa do ecstasy, entre outras ilícitas

Metanfetamina tem associação mais significativa

Das drogas testadas na urina de pacientes que deram entrada na Unidade de Terapia Intensiva no estudo francês, a metanfetamina apresentou o maior risco aumentado de eventos graves — 4,1 vezes —, seguida por heroína e outros opioides (3,6 vezes) e cannabis (1,8 vez). As outras substâncias não tiveram relação estatisticamente significativa com os desfechos cardiovasculares.

Segundo Raphael Mirailles, cardiologista e intensivista que liderou o estudo com 1,4 mil pessoas, o teste sobre uso de drogas poderia ser uma ferramenta importante para o tratamento de pacientes internados com doenças cardiovasculares. "Isso pode melhorar a estratificação de risco dos pacientes e o atendimento personalizado, para favorecer a retirada da droga. Portanto, esse

tipo de triagem deve ser considerado na terapia intensiva."

Para Abra Jeffers, pesquisadora de dados hospitalares do Hospital Geral de Massachusetts, em Boston, questionar os pacientes sobre o uso de drogas ilícitas, assim como se faz quanto ao tabaco, poderia ajudar a entender mais sobre os efeitos de longo prazo das substâncias no organismo. Autora principal de um estudo publicado em

fevereiro no *Journal of the American Heart Association* com quase 435 mil adultos nos Estados Unidos. A pesquisa encontrou associação de cannabis com um risco 25% maior de infarto e 42% de derrame. "Sabemos há muito tempo que o tabagismo está ligado a doenças cardíacas, e nosso estudo é uma evidência a maconha pode ser uma fonte importante e subestimada de doenças cardiovasculares." (PO)

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

ONU lança "SOS" dos mares

O secretário-geral das Nações Unidas (ONU), António Guterres, lançou um "SOS mundial" em uma cúpula de ilhas do Pacífico, onde apresentou um relatório que revela a elevação acelerada do nível do mar na região. "Estou em Tonga para emitir um Salvem Nossos Mares sobre a rápida elevação dos níveis do mar. Uma catástrofe em escala mundial está colocando em risco este paraíso do Pacífico", afirmou, na divulgação do Estado do Clima do Sul e Sudeste do Pacífico.

Pouco povoadas e com baixa industrialização, essas ilhas geram menos de 0,02% das emissões globais anuais de CO2. No entanto, estão cada vez mais ameaçadas

pela elevação do nível dos oceanos. Segundo a Organização Meteorológica Mundial (OMM), que monitora os mareógrafos instalados nas praias da região desde os anos 1990, os mares estão 15cm mais elevados do que há 30 anos. A média mundial de aumento foi de 9,4cm no período.

"As populações, economias e ecossistemas de toda a região sudoeste do Pacífico são muito afetadas pelos efeitos em cascata da mudança climática", alertou no documento a secretária-geral da OMM, a argentina Celeste Saulo. "É cada vez mais evidente que estamos ficando sem tempo para reverter a maré", acrescentou.

Desastre

Em alguns lugares, como Samoa e Fiji, a elevação foi quase o triplo da média. Em Tuvalu, a faixa de terra diminuiu tanto que as crianças usam a pista do aeroporto internacional como área para brincadeiras. Segundo os cientistas climáticos, este país insular de baixa altitude, poderá desaparecer nos próximos 30 anos, mesmo em um cenário de aquecimento global moderado. "É um desastre atrás do outro, e estamos perdendo a capacidade de reconstruir, de suportar outro ciclone ou outra inundação", disse à agência France Presse, Maina Talia, ministro do Clima de Tuvalu.

AFP



Com localização remota e reduzido peso econômico, o chamado desses países foi amplamente ignorado no passado. Hoje, pesquisadores apresentam a região como

um alerta do que pode acontecer em outras partes do planeta. "A mudança climática constitui a principal ameaça em termos de segurança. As nações do Pacífico

Tuvalu poderá ser engolida pelo oceano em 30 anos

estão envolvidas em um combate por sua sobrevivência e acabar com a poluição é essencial para o seu futuro", diz o cientista climático Wes Morgan, da Austrália.

Pesquisas anteriores apontam que a costa brasileira também pode ser sugada pelo oceano. Em junho, um estudo da organização não governamental (ONG) Climate Central colocou o Brasil no 17º lugar na lista dos mais vulneráveis à elevação do nível do mar. O levantamento apontou Rio de Janeiro, Fortaleza, Salvador, Recife, Porto Alegre, São Luís e Santos como as cidades em maior risco, em um cenário de aumento da temperatura entre 2°C e 3°C, em relação à era pré-industrial.